

Três significados das eleições

GAUDÊNCIO TORQUATO

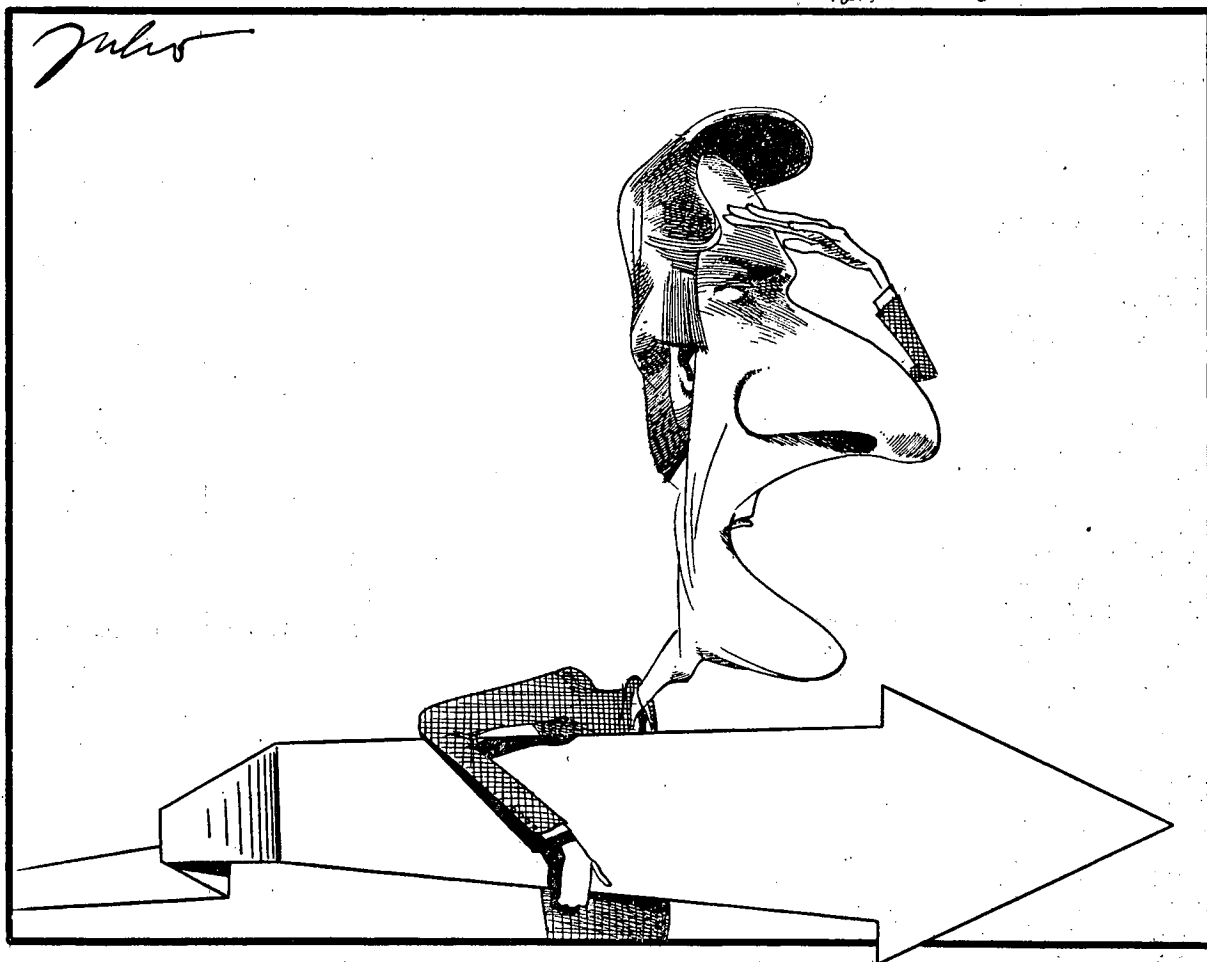
Os primeiros resultados eleitorais permitem evidenciar um feixe de situações e traços que, até o presente, pareciam pouco visíveis na textura sócio-política do País. A formação de um pólo de modernidade, o extraordinário avanço do chamado pólo progressista a desarticulação das elites econômicas constituem três fenômenos que, a rigor, se entrelaçam e podem ser examinados à luz das expressivas votações de Collor e Lula.

A sedimentação do pólo de modernidade, que se enquista, de maneira intensa, nos grandes aglomerados urbanos, tem, em sua origem, a profunda identificação de vastos segmentos com o sentido do novo, do revolucionário (no sentido transformador) e diferente. Percebe-se que esse sentimento há algum tempo passou a impregnar vastos contingentes e a ditar comportamentos eleitorais. Sua intensidade é que está sendo medida nessas eleições.

Há, portanto, um anseio pelo novo, que se concretizou no voto cego a candidatos que incorporaram o conceito de modernidade. A atração por essa representação simbólica não é, como se pode imaginar, concessão a ideologias partidárias nem significa engajamento efetivo, de natureza política. Quer traduzir, antes de mais nada, simples opção por pessoas que conseguiram vestir a roupa dos novos tempos, diferente dos andrajos carcomidos da velha política.

Collor e Lula, de acordo com esta visão, receberam milhares de votos pelo simples fato de serem "algo diferente". Dizer que ganharam votos exclusivamente da direita ou da esquerda é concluir que todo eleitor é um átomo cheio de ideologia, o que é incorreto. Dentro desse primeiro grande painel — o da modernidade — é que se pode extrair um segundo tipo de evidências. Isto é, separando-se as massas que fizeram sua opção pela expressão do novo, chega-se aos contingentes que formam o seguimento colocado na vanguarda ideológica.

Ocorreu, verdadeiramente, um



sopro progressista, que varreu a poeira conservadora de estratos eleitorais localizados nas capitais e grandes cidades do interior. Nos últimos anos, com o apoio das estruturas de entidades de forte poder mobilizador, como a Igreja, os partidos de esquerda semearam sua doutrina e suas visões sobre o fértil terreno de cabeças confusas, bolsos vazios e corações emotivos. Tinha de dar no que deu. A chamada Frente Brasil Popular colheu os frutos de um trabalho feito com garra por uma militância engajada e incansável.

A torrente de votos lulistas é consequência, também, de um conceito vertical de doutrina política, que procura fazer de todo petista um militante e de todo militante defensor ardoroso de uma fé inabalável no aitolá. Um militante petista equivale a uns cem militantes de grandes

**Votação
revela o
anseio do
brasileiro
pelo novo**

partidos. Mas o pólo progressista agrega grande parte do eleitorado de Mário Covas e mesmo de Ulysses. A diferença é que o progressismo dos eleitores desses dois candidatos não se ajusta às medidas de "virada de mesa" dos eleitores de Lula. Esse é o gargalo que separa as duas categorias, dificultando sua integração no mesmo bloco ideológico.

Se o movimento progressista alavancou a candidatura de Lula, não é menos verdade que Brizola esteve conseguindo suas posições graças a um voto histórico, cultivado nos bolsões tradicionais de sua experiência administrativa. O voto brizolista é, sobretudo, um voto de reencontro e, como tal, não deixa de ter uma faceta conservadora. Como conservadora é boa parte do eleitorado de Collor, único candidato que conseguiu o "milagre" de juntar elementos tradicionais com valores de modernidade, formando o sincretismo responsável por sua vitória no primeiro turno.

O terceiro fenômeno de relevo exhibe a incrível desarticulação das elites econômicas. Ficou muito claro, que nestas eleições, as elites econômicas não conseguiram ter um "grande candidato". Em consequência, dividiram-se em muitas alas. A falta de unidade e integração das elites econômicas propiciou fortes rupturas no arco de poder enfeixado pelas instituições que lideram setores empresariais. Ao mesmo tempo, permitiu uma movimentação de baixo para cima ou de fora para dentro, na direção centripeta. Ou seja, as elites econômicas foram empurradas pela força das bordas e começaram a mostrar fraquezas, atenuando, desta forma, seu histórico poder de irradiação de idéias. Só agora, perceberam a necessidade de diálogo com setores ou pessoas que jamais imaginariam ter de enfrentar no dia a dia de negociações. Estão assustadas.

Gaudêncio Torquato é professor titular da USP, especialista em marketing político e comunicação